



Quem conta um conto...
DIZ DE UM PONTO.

Experiências que se produzem na historicidade.

Por Alice Huerta Jardim Dutra | Orientadora: Leandra Bôer Possa

Ficha catalográfica

Quem conta um conto diz de um ponto: Experiências que se produzem na historicidade

370.91734 Dutra, Alice Huerta Jardim

D978q Quem conta um conto diz de um ponto: experiências que se produzem na historicidade. (livro em formato digital) / Alice Huerta Jardim Dutra. – s.l: s.l, 2022.

32p. : il. color; E-Book

Orientadora: Leandra Bôer Possa

Produto da Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional – Universidade Federal de Santa Maria

1. Educação do Campo 2. Educação 3.Experiências I. Título

CDD. 370.91734

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Gabriele Gibbon – CRB10/1960

Sobre as autoras

Alice Huerta Jardim Dutra - Graduada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria, com pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER. Atua em Caçapava do Sul como responsável pelo Atendimento Educacional Especializado nas Escolas Municipais Multisseriadas do Campo e coordenadora geral de Educação Especial do município.

Leandra Bôer Possa - Graduada em Educação Especial, Mestre em Psicopedagogia - Universidad de La Havana (2001), Mestre e Doutora em Educação - Universidade Federal de Santa Maria, possui Estágio Pós Doutoral em Políticas Públicas de Educação e Educação Comparada na Universidade de Valencia, Espanha. Professora associada da Universidade Federal de Santa Maria, no Departamento de Educação Especial, Programa de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional. Líder do Grupo Institucional GEPE/UFSM: gp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6763731375062082

Apresentação

Este Fotolivro é o produto da Dissertação de Mestrado, vinculado ao PPPG (Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional), na linha de pesquisa Gestão Pedagógica e Contextos Educativos (LP2). O mesmo tem inserção no Grupo de Pesquisa GEPE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Especial e Inclusão da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Por ser um mestrado profissional foi possível produzir um material que poderá ser utilizado pela rede de ensino municipal como ferramenta, no comum, coletivamente e com intencionalidade, para a construção de outros modos de se fazer escola do campo. Assim, no coletivo entre rede de município, docentes da educação do campo e gestores da educação, projetar uma escola de educação do campo para o nosso tempo, incluindo a produção de uma política pública municipal para escola do campo, a organização da gestão e valorização dessas escolas em Caçapava do Sul.

O que é o fotolivro?

Partindo da ideia de Artesania da Pesquisa (MILLS, 1976) esse material foi organizado a partir das fotos de algumas escolas multisseriadas de Caçapava do Sul, umas ativas e outras já fechadas, aproximando poesias e contos das pessoas que comporam/compõe esses espaços educativos. Com o propósito de dar visibilidade a essas histórias, o Fotolivro configura-se como um mosaico de recordações/lembranças a produzir uma historicidade das práticas sociais e culturais que dão forma ao escolar no campo, nesse espaço potencializador de outras possibilidades de educação.

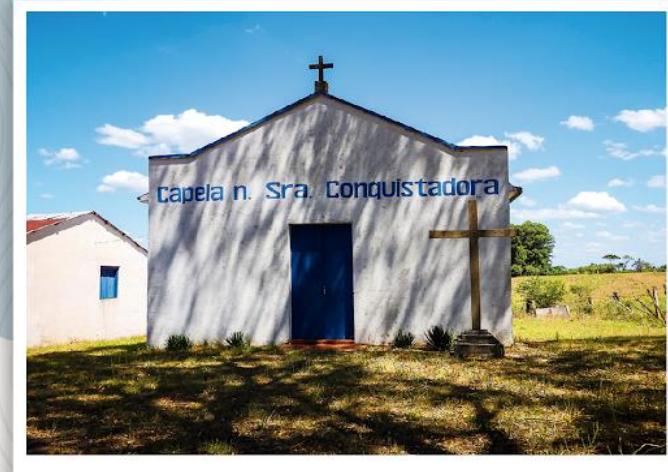
As pistas

As pistas se configuram nas temáticas relacionadas as entrevistas e documentos. Foram nomeadas assim para melhor compreender como a educação do campo em Caçapava do Sul foi/é estruturada.

Com as problematizações suspendidas, as pistas nos trazem indícios de como a educação do campo se configura e das contingências que abrangem esse modo de se fazer escola. As fotos serão apresentadas conforme cada pista levantada, aproximando partes dos contos criados a partir das entrevistas, excertos da dissertação e poesias, para que seja possível esboçar os contextos históricos e delas produzir uma historicidade desse espaço e dessas pessoas. Os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios que se remetem à flores, adornos naturais presentes no espaço do campo.



Pista I – Educação Laica – o catolicismo como conduta escolar



Quando visitamos uma escola do campo, geralmente junto a ela encontramos uma capela. Porque se pensarmos na escola no espaço do campo não olhamos apenas para o lugar de estudos. É um lugar de acolhimento das famílias, um ponto de encontro que as reúne. Nesse sentido é comum vermos diferentes tipos de organizações, de festas, de reuniões, incluindo missas e rituais católicos. (DUTRA, p.79, 2022)

E como é que funcionava, tinha primeira comunhão na escola ou era na capela?

Na capela. Tinha a preparação na escola. Os professores que me preparam e aí a gente ia para a capela, faceiros, fazer a primeira comunhão.(Professora Acácia)



Alice: A escola fica aberta para tudo. Quem fica responsável pela missa?

Jasmin: A professora "M" pega a chave para ajeitar as cadeiras, para o padre vir.

Alice: E o padre vem da cidade?

Jasmin: Sim

Alice: E vocês fazem na sala de aula ou ao ar livre?

Jasmin: No verão fazemos aqui na área.

Alice: E quantos vem mais ou menos?

Jasmin: Vem bastante, junta toda a comunidade aqui, bastante gente.

Alice: Mais de 40?

Jasmin: É por aí 30, 25 pessoas de cada vez, uma vez por mês. Todo o primeiro domingo do mês.

Alice: E essa questão de crisma e primeira comunhão? Você fazem?

Jasmin: Aqui minha guria fez na escola. E depois que ela fez teve umas duas turmas. Agora não sei com a função do "I", tem um monte de aluninho, se a professora "M" que é diaconisa, que ela é da igreja e a minha guria fez com ela.

Alice: Aí ela faz na escola, ou nos dias de missa?

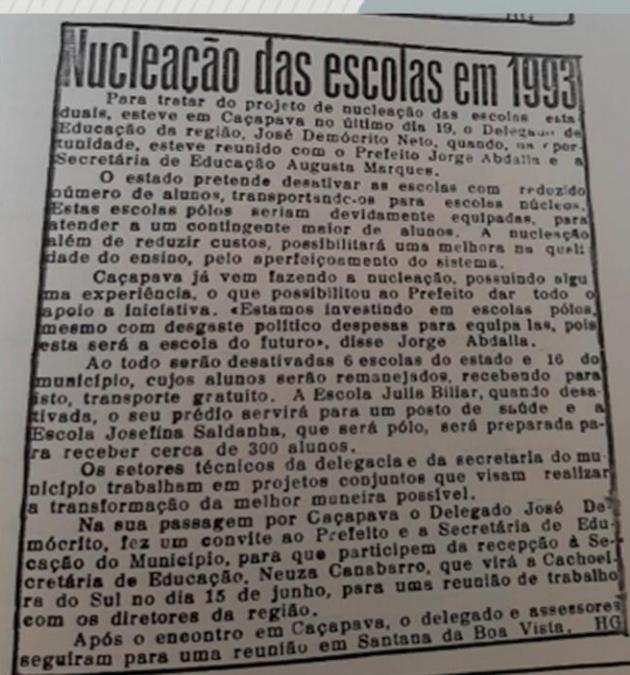
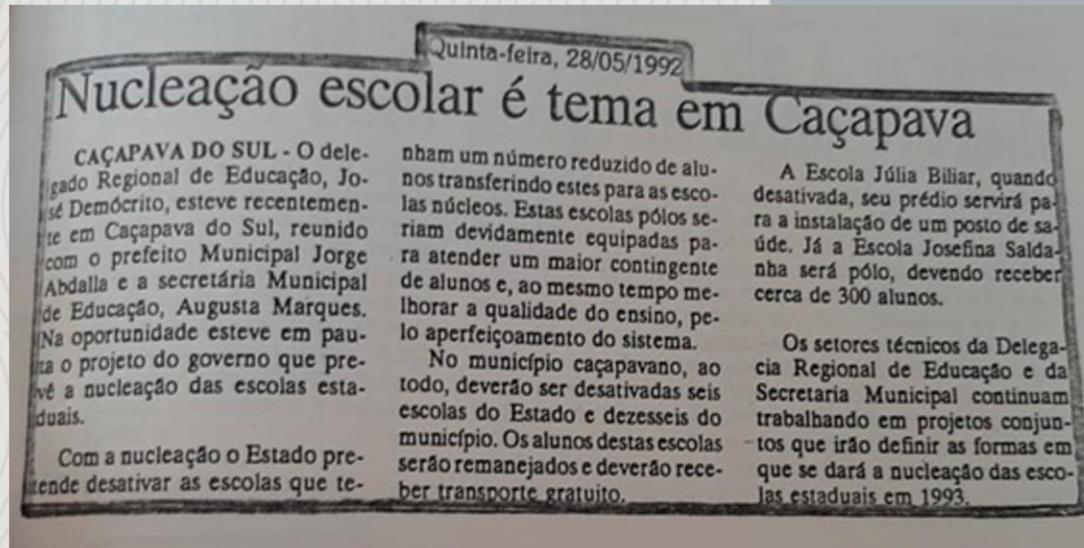
Jasmin: Tem aula uma vez por semana de tarde.

(DUTRA, p.80, 2022)

Pista 2 - A ausência da família, o fracasso escolar e a justificativa para o transporte - Fez-se a nucleação

Com o transporte escolar, foi-se terminando e fechando escolas do interior da cidade, além da política do nucleamento das escolas, pois com a obrigatoriedade de oito anos, na época, e a maioria mantidas pelo município, o nucleamento foi sendo implementado com vistas a uma educação que se organizasse com base num modelo de escola que estava fixado na organização e classificação por idades, séries, valorizando a não multisseriação, aproximando-se da educação oferecida no centro urbano, além de melhores condições aos professores e suas multitarefas.
(DUTRA, p.83, 2022)

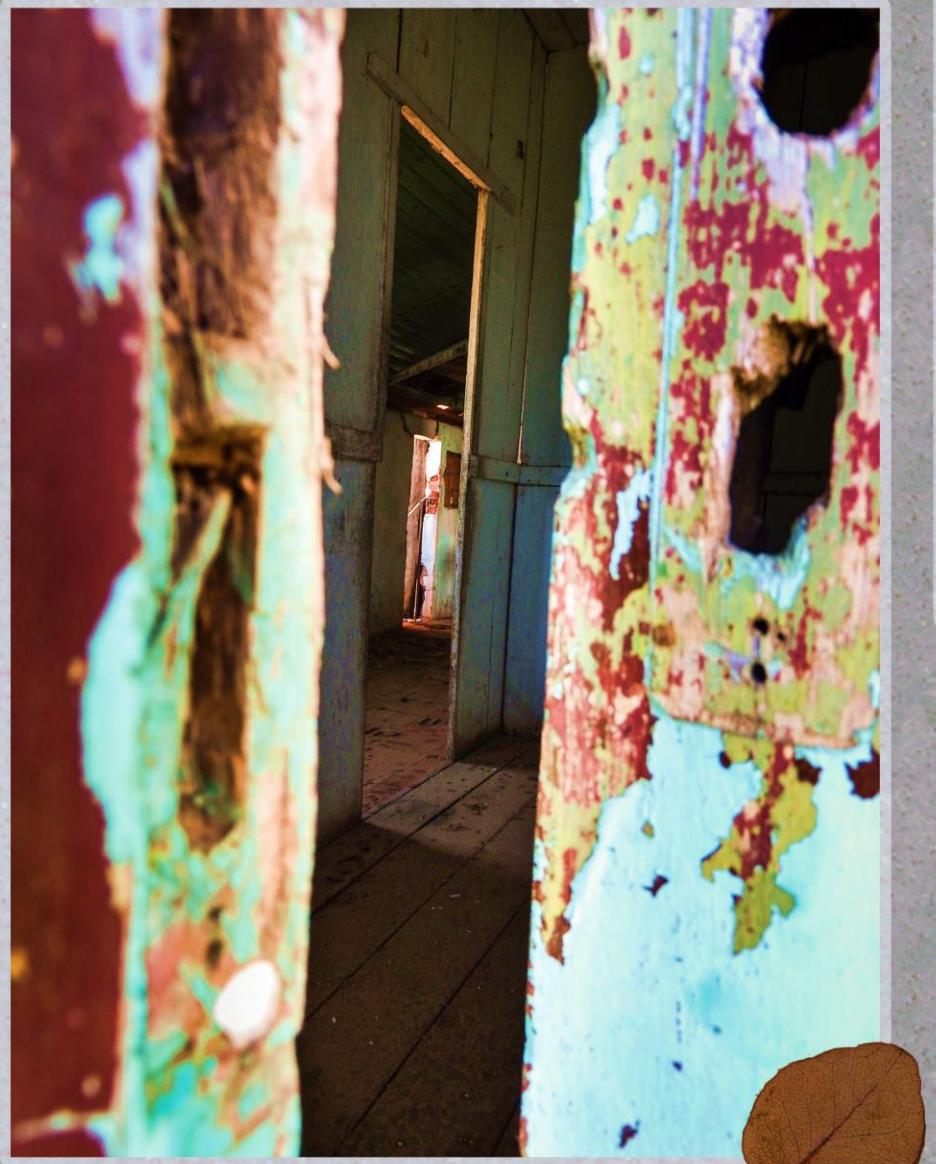
FOTOS



TRANSPORTE ESCOLAR :
• **ACESSO AO FILHO • DO**
HOMEM RURAL À EDUCACAO

Apesar da economia depender do campo, do homem, grande ou pequeno produtor, é preciso melhorias no espaço do campo, no investimento das estradas para o escoamento da produção, de melhorias nas escolas para a fixação no campo e não abandono dele. É a lógica invertida da urbanização no espaço rural (DUTRA, p.84, 2022)

Também é possível notar o pouco investimento do poder público nos prédios, bem como manutenção e conservação dos espaços, sendo passada a responsabilidade ao professor, que além de ministrar aulas devia organizar a merenda, a limpeza e buscar o que fosse necessário, como água na cacimba (DUTRA, p.84, 2022)



Deixava [os alunos] trabalhando [e] ia [até a] cacimba buscar água, um balde de água. Trazia o balde de água, largava na cozinha e ia conversar com os alunos, ver quais eram as dificuldades, dava uma explicadinha [e] se achava que estavam trabalhando direitinho, [avisava que estaria na cozinha, pois] a professora [ia] fazer a merenda. Iniciava a merenda, [voltava na sala de aula] olhava eles, ficava um pouquinho [e] voltava [para] terminar a merenda. [Depois chamava as crianças,] - é a hora da merenda. Servia eles, todos lanchavam [e os] para o pátio, era recreio. [Eu, a professora] voltava para a cozinha para lavar a louça. [Terminava de limpar a cozinha,] chamava [novamente os alunos], trabalhavam até às 13 horas e os liberava eles para irem para casa, alguns deles pegavam o ônibus de linha que fazia Caçapava/Bagé. [Esta minha rotina docente foi no ano de 1990, estava sozinha na escola depois que os alunos se iam. Assim, eu] voltava na cacimba pegar água, varria e limpava a escola e aguardava para voltar para a minha casa lá pelas 15 horas, pelo ônibus de linha que vinha de Bagé.

[Eu trabalhava com os estudantes] das 9 às 13 horas. [O horário de funcionamento das aulas era adequado a linha de ônibus, não existia transporte escolar para os alunos e] a prefeitura dava, uns ‘ticketinhos’. [O transporte escolar começou por volta dos anos] 1994/1995, mas para a escola Nossa Senhora da Assunção, no Seival não havia. [Está escola foi desativada algum tempo depois porque entrou no plano de nucleação que foi informado pelos meios de comunicação da época [Na escola não tinha geladeira e no verão] não tinha nada. [Tinha] calorão e água da cacimba. E a água não era boa. Era uma água bem tundada [e este foi um dos motivos que fecharam a escola]. Resolveram fechar a escola, por causa das condições da água, [da construção em] madeira, já com as paredes bem estragadas, não tinha banheiro, era patente, [isso em 1994] [Na escola quando fechou] tinham 11 alunos. Eram péssimas as condições. Nenhum, nenhum investimento.



Dizem que o professor tem a arte de ensinar
Eu aprofundo mais: a artistagem de persistir
Mesmo que seus vencimentos não valorizem seu
grande papel
Mesmo que o sistema insista a difundir seu fel
Que ser professor não é uma escolha. é o que
sobrou
Muitos dizem ela queria medicina. mas na
pedagogia passou
E assim ser educador se divide em ser tantas outras
coisas que ninguém notou
O Psicólogo que afagou. a assistente que auxiliou. o
advogado que orientou
Tantas famílias passam por nós. tantas escolas se
fazem nossa morada.
Mesmo que a passada seja breve. mas um aluno
nunca se esquece
Do que lhe marcou
Em tantos caminhos. nunca falta carinho
E a persistência se faz presente
Mesmo que tenha que na escola morar. o peixe
pescar e até a própria sala reformar
De tantos papéis. o maior é ser docente

(Dutra, 2022)

Pista 3: A lógica urbana no currículo do campo - a ilegitimidade da multissérie

Então eu chegava na escola e distribuía as tarefas, primeiro eu passava no quadro atividade. Dividia o quadro, tinha um quadro grande que eu dividia para duas séries. Um quadrinho pequeno para uma série. Os pequeninhos (1 série) eram folhas mimeografadas e os alunos maiores de 5 série eram os livros. (Acácia)



SOUZA



CORES
E
SABORE



É muito forte e resistente a noção de currículo e de práticas escolares na lógica seriada, assim como a organização das escolas multisseriadas que delimitam etapas conforme a idade e o ano no qual o aluno está matriculado, estando todos eles dentro de um mesmo espaço e tempo. (DUTRA, p.88, 2022)

As lembranças eram assim, eram duas professoras. Uma *profe* trabalhava com 1º e 2º ano, e a outra com 3º, 4º e 5º. No 5º, na época, éramos três alunos e aí como ela repartia o quadro e passava, metade para o 3º, metade para o 4º, encostava as três classes nossa e dava o caderno dela para copiar. (Begônia)

Alice: E assim, tu que já passou pela coordenação do campo, naquele época tinha, o que tu vê por exemplo, que tem esse rótulo da escola multisseriada, que tem menos qualidade, que a seriada, inclusive entre escolas do campo.

Girassol: isso eu até fico pensando Alice, porque a gente pensa assim, levam alunos do campo para a cidade, o que poderia ser o inverso, trazer da cidade para o campo, por que não né? A nossa escola aqui mesmo tem uma estrutura muito boa, tem prédio e tudo, porque levar para cidade, o transporte poderia trazer pra cá, seria o mesmo itinerário. Eu acredito porque também as vezes falta incentivo, cursos, nossa escola não pode se queixar que nós temos todo apoio da SEDUC, mas teve épocas que não teve. Tinha uma época que quando eu entrei na SEDUC, nós observamos que as escolas do campo estavam esquecidas. Nós fazíamos o antes e o depois, na parte estrutural do prédio, nos víamos que as escolas estavam esquecidas.

Alice: Manutenção...

Girassol: E se elas estavam esquecidas na manutenção , eu creio que o pedagógico também, então a gente tentou fazer um pouco no prédio e no pedagógico na época. Então era mais fácil fechar a escola do campo e levar esses alunos para outra escola, do que se deslocar, com transporte para o professor, achar um professor, então eram “n” coisas que era mais fácil o fechamento, manter uma escola no campo não é fácil. Aqui a gente fica meio que sozinhos, trocamos ideias entre colegas, não é que nem equipe, não tem ninguém para socorrer, aqui peço ajuda para o professor Cravo, o que numa escola maior é diferente. Existe uma coordenação, uma equipe, é por aí a questão, em ver uma escola maior como melhor, e nós aqui trabalhamos com projeto, a gente ensina.

Pista 4: Do fechamento à resistência – a luta para não sucumbir

Alice: *Quanto tempo tu ficou lá? Quantos anos?*

Cravo: *Três anos. Dois de contrato e um de nomeação.*

Alice: *E tu saiu só por que fechou?*

Cravo: *Sim, senão eu tava lá até hoje.*

Alice: *Tu gostava?*

Cravo: *Eu adorava.*

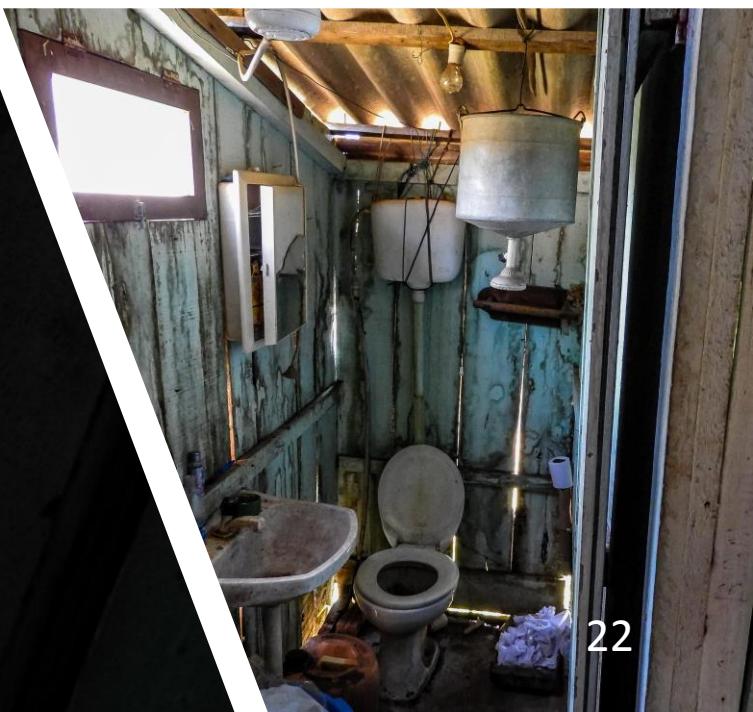
Girassol: *A comunidade era muito boa, eles acolhiam muito.*

Alice: *E eles não resistiram ao fechamento?*

Girassol: *Não foi na minha época que fechou, foi depois que eu saí.*

Cravo: *Fecharam na época que entrou o “J.E.” Que fechou. A gente foi lá, não tinha ninguém na escola, disseram hoje vamos fechar, e fechou.*

Cravo foi detalhando a rotina da escola, contando sua prática como docente, e como também de morador. Sua cama era na cozinha, na qual a noite ganhava ares de cômodo para um descanso e de dia se transformava em um espaço de movimento e alimentação. Não havia luz elétrica, nem ao menos água encanada para tomar um banho ao final do expediente. Se o verão era demasiado quente, as águas do Camaquã já lhe serviam de conforto e refresco, além de presentear-lhe com o jantar. Muitas vezes o pescado foi sua refeição às noites quentes de março. (DUTRA, p.93, 2022)



Lá não tinha luz e quando matavam porco, distribuíam os pedaços já cozidinha né. Doces em conserva... [sem luz na escola, no calor] fazer o que, a água era do Rio Camaquã para tomar banho. A água não era muito potável, lá na escola era bem precária. Em época de seca, que secava a fonte, era no rio Camaquã, que era longe. De tardezinha tomava banho no Camaquã, as vezes pescava, já assava o peixe.
(Cravo)

*A tristeza se instala
Quando conheço uma escola desativada
Grande e ampla, com tantas salas
Mas que o tempo danificou
Janelas quebradas, portas arrastadas
As cortinas brancas ainda se mantém
O medo também vem
Por imaginar quem ali poderia morar
Carro desmanchado, roupas penduradas
O “oh de casa” dava eco
E ao ver utensílios atirados
Entre latas, parafusos e até caneco
Não via ali mais a alma do lugar
E em uma peça ao entrar
Achei uma caixa de livros
Junto com eles tantos sonhos perdidos
Entre mocinhos e bandidos
O que restou?
Andar nos corredores
Imaginar que nos bastidores
Uma escola ali morou
que foi esquecida, abandonada
Ao olhar para o poço fundo
Penso naquela morada
E no que se transformou...
(DUTRA, 2022)*





Para o arremate final

Na tentativa de encontrar pistas a partir dos materiais e das *experiências* das pessoas, a produzir uma *historicidade* da educação do campo de Caçapava do Sul foi um caminho *plural*. Entre tantos movimentos, foi possível olhar para a pesquisa como possibilidade das classes multisseriadas no presente. A *potência* e a característica singular da multissérie e da escola do campo apresentam possibilidades para diferentes formas de organização e metodologias. As *pistas* estão nas palavras (escritas ou ditas), estão no silêncio da resposta, estão nas imagens.

Há inúmeras pistas, e os *atravessamentos* como experiência, dentre tantas infinitas, possibilita movimentos diferentes e combinatórios. Como se fosse um método matemático, de análises combinatórias, mas que aliadas a ela, tem um *contexto*, uma história e uma contingência, que então passam do padrão exato para as *indefinições do cotidiano*.

E o cotidiano nos diz tanta coisa. A espera do transporte, a espera dos alunos que vem de longe, o planejamento das aulas, a disposição de estar sempre atento aos detalhes, uma rotina que se configura diária e de responsabilidade de estar na escola, e fora dela também. E esse fora pode se estabelecer nas relações pessoais, ou então nas relações coletivas que compõe outras configurações (políticas, culturais, pedagógicas).

As experiências, contadas nas entrevistas, os materiais encontrados, contam tanto, e a partir deles podemos pensar em um arcabouço do que foi vivido. Ao sair do saudosismo e entrar em uma ótica do presente é possível olhar para trás e compor o cotidiano hoje se torna necessário e é um ato político, ao fazer escolhas.

Escolha do professor ao aderir um projeto, escolha dos pais ao querer continuar no campo, escolha da administração em mantê-las na comunidade. Em Caçapava do Sul o campo é o responsável pelo trabalho das pessoas e economia regional. Desde os pequenos produtores aos grandes das monoculturas, como também dos assalariados das indústrias de calcário, pois eles vivem em uma interdependência e mais, dependem das condições do campo, de sua infraestrutura e o que pode possibilitar aos que escolhem esse outro modo de vida.

Assim como nas cidades, o campo também necessita de manutenção. No escoamento das produções, no acesso as propriedades e também acesso ao conhecimento sistematizado que a escola pode oferecer. Então a cada escola desativada, vem o sentimento de tristeza ao ver os prédios públicos abandonados aos morcegos, ou a comunidade que também depreda, levando portas e janelas, quebrando vidros e vandalizando o espaço que já foi escola.

Para finalizar, a apresentação das fotos e das afetações/escritas/contos servem como dispositivos de pensamento, a possibilitar pensar outras formas de educação do campo, das pluralidades dentro dessa potência de espaço, de relações, de experiências a produzir novas histórias. Que assim como Acácia, não desistiram da docência:

*No Rincão da Salete
Havia muitas lembranças
De quem viveu e vive lá
Em tantas andanças
Acácia foi e voltou
Da alfabetização até o início de lecionar
Foi para a cidade trabalhar
Conheceu a escola Patrício Dias Ferreira
Teve muitas amizades em dezoito anos
E depois de retornar de muitos cantos
Encerra sua carreira no Padre Fidêncio
Que tanto fez parte na sua vida
Quando criança à mocidade
E já não é novidade
Essa forma de ensinar
Todos juntos aprendendo e compartilhando
Fazendo um coletivo
De tantos amigos
Que talvez nem sonhando
Poderia imaginar
Agora não tem mais água na cacimba
Que um dia tinha como sina carregar*

*Nossa Senhora da Assunção
Nem por oração queria continuar
A volta está mais saudosa
A escola não é mais chalé
Por dizerem que não ficaria em pé
Precisaram abandonar
Passaram por muitas casas
Até tiveram risco de fechar
Mas a comunidade resistiu
E como muitas Acácias não sucumbiu
À falta de manutenção
Pois a escola na comunidade faz diferença
Para a união das pessoas
Hoje, quem vê a escola funcionando
Depois de tantos anos vagando
Fica emocionado
Pode até ter se modificado
Mas a essência é a mesma
E Acácia orgulhosa continua em seu labor
Ensinar as crianças é sua atividade
Que de tantas habilidades, entre doces e palavras
Ou palavras doces
Ainda encanta a comunidade
(DUTRA, 2022)*

Referências:

- BENEVIDES, R. **A série Nietzsche-Grupos-Instituições**. In: PAULON, S. (org.) Nietzsche Psicólogo: A clínica à luz da filosofia trágica. Porto Alegre, Sulina, 2013.
- BERBAT, M. da C. MEDEIROS, G da S. A. **Educação do campo e o processo de nucleação**: realidade do município de Miguel Pereira do estado do Rio de Janeiro, v.10, n.4, Out.-Dez., p.318-327, 2017.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2010.
- BREMM, C. **As políticas educacionais de nucleação das escolas rurais/do campo no município de São Paulo das Missões/RS**. Ciências Sociais/UFSM,
- CHAVES, A.G.C.R; PAULON S.M. **Sobre o pesquisar uma pesquisa**: notas metodológicas acerca das experimentações de uma abordagem metodológica participativa. Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João del-Rei, janeiro/junho 2015
- FABRIS, E.H. **In/exclusão no currículo escolar**: o que fazemos com os "inclusões"? Educação Unisinos. 32-39, janeiro/abril 2011
- FERRARI, A. DINALI.W. **Herança moderna disciplinar e controle dos corpos**: quando a escola se parece com uma "gaiola". Educ. rev. vol.28, n.2 Belo Horizonte. Junho/2012
- FIGUEIREDO, T. C. B. de; REIS, C. M. D. da R.; P PEREIRA, V. C. **O Cultivo da Palavra em Poética Rural de Marilza Ribeiro**
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.
- FOUCAULT, M. **Polêmica, política e problematização**. In Ditos e Escritos, vol IV. Paris, 1997.
- HACKER, P. M. S. **Wittgenstein**: Sobre a natureza humana. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

IBRAHIM, E. VILHENA, J. **Jogos de linguagem/jogos de verdade: de Wittgenstein a Foucault.** Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 114-127, 2014

JÚNIOR, Gerson Francisco de Arruda. **10 lições sobre Wittgenstein.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KNIJNIK, G. WANDERER, F. **Programa Escola Ativa,** escolas multisseriadas do campo e educação matemática.

LARROSA, J. **O ensaio e a escrita acadêmica.** Educação e realidade. 101-115 jul/dez 2003.

LARROSA, J. **Tremores – escritos sobre experiência.** Autêntica, ed.1, Belo Horizonte, 2021.

MASSCHELEIN, S. SIMONS, M. **Em defesa da escola:** uma questão pública. Autêntica, ed.1, 2013.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972, p. 211-243.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do Discurso:** perspectivas teóricas. 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PARENTE, C. da M. D. **Escolas Multisseriadas:** a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 57-88, jan./mar. 2014

POSSA, L.B. NAUJORKS, M.I. RIOS, G.M.S. **Matizes do discurso sobre avaliação na formação de professores da Educação Especial.** Revista Educação Especial, v. 25, n. 44, p. 465-482 set./dez. Santa Maria, 2012 .

RODRIGUES, A. C.S, MARQUES, D.F. RODRIGUES, A.M. DIAS, L.G. **Nucleação de Escolas no Campo:** conflitos entre formação e desenraizamento. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 707-728, abr./jun. 2017

VEIGA-NETO, A. **Anotações sobre as relações entre teoria e prática,** Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 113-140, mar. 2015 / jun. 2015

VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. 4 ed. Editora UNB Brasília, 1978.